

NORMAS E INSCRIÇÃO DOS RESUMOS PARA OS GTS - GT-11
(PRESENCIAL): POÉTICAS AMEFRICANAS: ENSINO E QUESTÕES
ÉTNICO-RACIAIS

**NAÇÃO, ANCESTRALIDADE E VOZES DE TERREIRO: O CANTAR DE
ANGOLA**

Waldenis Pereira Da Trindade Junior (waldenis.junior@gmail.com)

Pensar no que chamamos de nação brasileira é desvendar o véu que encobre o mito da democracia étnico-racial no país. A tessitura oficial do país insiste em negar a pluralidade de mundos que sustentam sua existência. Cosmopercepções africanas, afro-brasileiras, indígenas, ciganas, asiáticas estão nas encruzilhadas da nossa história, mas ainda silenciados no papel do Estado e da literatura. A partir desse tensionamento, este estudo mergulha na poética de Lélia Gonzalez, no conceito de amefricanidade, que reposiciona a diáspora africana como força fundante das culturas latino-americanas e caribenhas. Para Gonzalez, reconhecer a Amefricanidade é valorizar epistemes negras, afro-brasileiras e indígenas, que foram empurradas socio-historicamente para as bordas, para a não existência, para aquilo que o colonizador tentou enterrar. Esse apagamento não é casual, Achille Mbembe com sua teoria da necropolítica nos alerta. Expõe as engrenagens coloniais persistentes na modernidade, administrando quem merece respirar. A nação, nesse sentido não é neutra, é um campo de disputa, um território de decisões violentas que cria entre-mundos (Homi Bhabha). Dialogando com Angel Rama, que nos lembra que todo projeto nacional é também projeto de linguagem, há sempre uma letra oficial que tenta ordenar memórias, imaginários, saberes,

expulsando outras formas de existir da página, do livro, das vielas. É nesse sentido que emergem os pontos de terreiro, aqui tratados como arquivos vivos, como territórios e letras reinventadas de memórias e narrativas. Nos terreiros, mesmo que assimilados (bell hooks), o Brasil que se ergue levanta os saberes da matriz Africana, cruzando rios, mares, troncos, folhas, flechas, tambores, caboclos, pretas-velhas. Ecoam vivências que tentam se reconectar com uma memória e linguagem cortada pela colonização, mas não extinta. Evaristo traz a escrituragem como escrita política que entrelaça a vida da população negra, revelando que a palavra cantada, rezada, riscada no chão, também é literatura. Uma escrita do povo, da oralidade para as comunidades. Este estudo analisa como os pontos de umbanda formulam um projeto de nação, no qual identidade e espiritualidade afro-indígena reordenam o imaginário brasileiro. São textos que denunciam o apagamento, mas também criam caminhos para recontar, recriar o país a partir de quem sempre esteve produzindo em sua base.

Palavras-chave: palavras-chave: amefricanidade; poéticas; angola; encruzilhada.